

## BRASIL

GOVERNO BRASIL | JAIR BOLSONARO | STF | CONGRESSO NACIONAL | COVID-19 | ELEIÇÕES BRASIL

Você ainda pode ler **9**  
textos gratuitos este  
mês

ASSINE POR US\$ 1

POVOS INDÍGENAS &gt;

## 8 anos e 12 quilos, a criança com malária e desnutrição que simboliza o descaso com os Yanomami no Brasil

Etnia enfrenta crises sanitária e ambiental com escalada de violência por garimpos ilegais. Povo denuncia novo ataque neste domingo. Imagem expõe o grave e crônico problema da assistência à saúde em várias aldeias



Criança Yanomami com desnutrição e malária, na aldeia Maimasi. DIVULGAÇÃO



BEATRIZ JUCÁ

São Paulo - 17 MAI 2021 - 19:12 BRT

Uma rede escura acomoda o corpo miúdo de uma criança [Yanomami](#) tão magra que é possível ver sua pele moldar as costelas. A fotografia de uma menina de oito anos que pesa apenas 12,5 quilos (o peso mínimo normal para a idade seria de 20 quilos), feita na aldeia Maimasi em Roraima, expõe um problema [crônico de desassistência à saúde](#) que os povos indígenas enfrentam no coração da Amazônia —e que vem crescendo ano após ano. A criança estava acometida por [malária](#), pneumonia, verminose e desnutrição, em uma região sem visitas regulares de equipes sanitárias e que fica a 11 horas a pé do polo de saúde mais próximo. Ela teve sua imagem capturada dias antes de ser transferida de avião a um hospital da capital Boa Vista no dia 23 de abril, onde já se recuperou da malária, mas segue em tratamento para os outros problemas. Virou símbolo do histórico descaso do Brasil com o povo Yanomami, que luta para sobreviver em meio a uma junção de graves crises: a [escalada de violência por garimpeiros ilegais](#), os impactos ambientais que levam fome a algumas regiões e a fragilidade do acesso à atenção sanitária.

“Na [cultura Yanomami](#) a gente não pode demonstrar imagem de criança, frágil, doente. Mas é muito importante [fazer isso] pela crise que estamos vivendo”, explica o líder indígena Dario Kopenawa, ao autorizar a publicação da fotografia nesta reportagem. Para esta etnia, a imagem da pessoa é parte importante dela e disseminá-la em uma situação de enfermidade pode enfraquecê-la ainda mais. Até quando se morre, é preciso queimar todas as lembranças de quem partiu para preservar seu espírito no mundo dos mortos. Mas a comunidade decidiu divulgar a fotografia enquanto a criança tenta se recuperar para denunciar aos *napëpë* —como chamam os não indígenas— seu sofrimento diante da grave crise de saúde que os ameaça.

“Esta foto é uma resposta da [violação de direitos dos povos indígenas](#)”, resume Kopenawa. Enquanto a malária e a covid-19 avançam sobre as aldeias, lideranças narram que equipes de saúde foram reduzidas com profissionais afastados por covid-19 e outras doenças, postos de saúde foram fechados temporariamente e falta helicóptero para transporte de pacientes em áreas de difícil acesso. “A gente sofre há muito tempo sem estrutura boa, sem todos os profissionais completos pra dar assistência. Com a pandemia, piorou”, destaca Konepawa. O problema afeta

---

#### MAIS INFORMAÇÕES



Se a nossa terra,  
a nossa floresta  
sumir, o que vai  
ser do meu  
povo?



Os Yanomami  
contra o  
coronavírus (e  
contra a  
diarreia, as  
lombrigas e os  
garimpeiros...)

---

especialmente as comunidades mais isoladas, que dependem de visitas esporádicas das equipes. “Tem locais que estão ainda sem vacinação contra a covid-19 porque não têm profissionais. São comunidades que ficam longe dos postos, não têm como chegar”, acrescenta Júnior Yanomami, membro do Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi), um órgão responsável pelo controle social das ações governamentais. No Brasil, os grupos indígenas são prioritários na fila de vacinação.



**“Meus antepassados morreram pelo mesmo que eu tô enfrentando: o garimpo ilegal e a epidemia”**

## “A saúde Yanomami está abandonada. Falta tudo”

“A [saúde Yanomami está abandonada](#). Falta tudo”, continua o líder indígena. Segundo ele, a aldeia Maimasi, que vive um surto de malária e onde várias crianças [padecem com desnutrição e verminoses](#), não recebia visita de equipes de saúde havia seis meses, quando profissionais atenderam a criança da fotografia (divulgada por um missionário católico e publicada pela *Folha de S. Paulo*), no final de abril. A equipe não dispunha de medicamentos suficientes para todos os que precisavam, conta o indígena. A Secretaria de Saúde Indígena (Sesai), responsável pela atenção aos povos originários, dá uma versão diferente: diz que o atendimento ocorreu dia 19 de março, “mas a família não autorizou a remoção para uma unidade de saúde”. Também garante ter estoque suficiente de medicamentos e ter contratado profissionais de saúde, mas não esclarece qual é a frequência das visitas à aldeia. A Sesai tampouco informa ao EL PAÍS sobre a incidência de malária, desnutrição e mortalidade infantil para dar a dimensão do crescimento das doenças na região.

---

**Apoie a produção de notícias como esta. Assine o EL PAÍS por 30 dias por 1 US\$**

**CLIQUE AQUI**

Esses problemas de saúde não são generalizados em todo o território Yanomami —tão vasto quanto a área de um país como Portugal—, mas estão presentes em várias comunidades. Um estudo realizado por pesquisadores da Fiocruz em duas áreas do território —Auaris e Maturaká— e divulgado no ano passado dá pistas sobre o tamanho do problema: 80% das crianças de até 5 anos apresentavam desnutrição crônica e 50% desnutrição aguda nestes locais. A situação está relacionada desde à escassez de água potável até a falta de acompanhamento nutricional e de pré-natal na gestação. Passa ainda

pelos quadros de verminoses, malária e diarreia frequentes nas comunidades, sem ações preventivas de saúde fortes. “Desde 2019, relato as necessidades e pedimos socorro ao Governo”, diz Júnior Yanomami. “Agora está pior. Aumentou muito a desnutrição. Onde tem garimpo forte tem o [problema da fome](#). E na pandemia aumentaram as invasões. Como eu vou explicar a fome dos Yanomami? Eles [os garimpeiros] sujam os rios, destroem a floresta, acabam a caça. Nós nos alimentamos da natureza”, explica o indígena.

Os moradores da Maimasi são descendentes de um dos grupos mais afetados pela abertura da estrada [Perimetral Norte \(BR-210\)](#) na década de 1970, durante a [ditadura militar](#). Naquela época, parte significativa do grupo morreu diante de surtos de sarampo e outras doenças levadas pelos trabalhadores das obras. Há anos, eles cobram um posto de saúde, mas por enquanto seguem dependendo de visitas esporádicas da equipe de saúde à comunidade. A situação que já era difícil ficou pior especialmente a partir do ano passado. As visitas diminuíram enquanto cresceram as atividades de garimpeiros ilegais, aumentando a chance de doenças transmissíveis e a violência. E os casos de malária, enfrentados pelos indígenas há décadas e considerados “endêmicos” pela Sesai, seguem crescendo. Segundo Júnior Yanomami, só neste ano já foram identificados cerca de 10.000 casos, o que corresponde a pouco mais de um terço de toda a população yanomami, de cerca de 29.000 pessoas. “A criança na foto provavelmente expressa esse somatório de tragédias”, afirma uma nota da Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana.

## **“Nosso território está vulnerável com tantos problemas ao mesmo tempo”**

Os vários problemas sanitários, ambientais e sociais enfrentados não estão dissociados. O [desmatamento na Amazônia no último mês de abril foi o maior em seis anos](#), segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. O desmatamento tem crescido ano após ano, e o desequilíbrio ambiental interfere na alimentação dos povos da floresta, que se alimentam do que colhem, pescam e caçam nas comunidades mais isoladas. Em várias áreas, a presença de garimpeiros e madeireiros ilegais leva ainda à [contaminação de rios com mercúrio](#), contribuindo para desnutrição, desidratação e diarreia. Com os recursos diminuindo na floresta e a fome à espreita, alguns indígenas acabam trabalhando com não indígenas e aderindo a uma alimentação industrializada e menos nutritiva. “Não dá para generalizar que as crianças estão morrendo desnutridas, com fome. Tem esse problema onde há presença dos garimpeiros. Onde não tem garimpo as crianças estão saudáveis, comendo bem e cuidando de suas atividades. O que falta é assistência de saúde”, defende Kopenawa. “A vida do povo Yanomami está em risco. Nosso território está vulnerável com tantos problemas ao mesmo tempo.”

Crianças do povo Sanõma, que vive na Terra Indígena Yanomami, na fronteira do Brasil com a Venezuela. SÍLVIA GUIMARÃES (CUSTOM\_CREDIT) / ARQUIVO PESSOAL

---

## A escalada da violência com garimpos ilegais

Às crises sanitária e ambiental, soma-se ainda uma escalada de violência em algumas regiões. É o caso da comunidade indígena Palimiu, em Roraima. Há uma semana, a aldeia enfrenta ataques de garimpeiros, com [tiros, bombas e gás lacrimogêneo contra os indígenas](#). Na última terça, garimpeiros ilegais trocaram tiros com a Polícia Federal durante uma visita para averiguar as [denúncias de ataques à aldeia](#). “Eu nunca tinha visto tantos tiros. Só em filme. Eles [garimpeiros] eram muitos e tinham armamento pesado”, conta Júnior Yanomami, que estava na comunidade naquele [momento](#). No ano passado, os indígenas criaram uma barreira sanitária para evitar a passagem de garimpeiros e tentar frear a disseminação do coronavírus. Mas o rio Uraricoera, onde fica a barreira, é uma das principais rotas para a atividade. No dia 24 de abril, os Yanomami impediram a passagem de um grupo. Tentaram negociar para que não voltassem. A resposta, segundo Júnior Yanomami, veio meio hora depois, com tiros em direção à comunidade. Os indígenas revidaram com flechas e tiros de espingarda.



Os vários conflitos na última semana, segundo relatam os indígenas, deixaram três garimpeiros e um Yanomami feridos. Duas crianças teriam morrido afogadas enquanto fugiam dos tiros, segundo lideranças. O último ataque, dizem, foi na noite de domingo. “É uma coisa muito séria. Todos lá estão com muito medo. Eu também fiquei”, emenda Júnior Yanomami. “Tem Yanomami correndo risco. Tenho medo de acontecer um massacre a qualquer momento. O Governo Federal tem que se mexer”, clama.

Entidades indigenistas veem o posicionamento do presidente Bolsonaro, que já fez declarações contra a demarcação da terra indígena Yanomami e costuma [defender a regularização do garimpo nos territórios](#), como um estímulo aos conflitos. Na última quarta-feira, o Exército até deslocou homens para a comunidade, mas os retirou horas depois. A 1ª Brigada em Boa Vista não respondeu à reportagem se reenviará os militares e o que motivou a retirada deles. A Polícia Federal, por sua vez, deve retornar para investigar o caso. Enquanto isso, os indígenas seguem em estado de alerta e medo, contam lideranças. Até que a situação se modifique, devem ficar também sem os serviços de saúde, já que a Sesai retirou os profissionais diante da gravidade da situação. “A unidade de atendimento será reaberta tão logo seja possível atuar em segurança”, afirma a secretaria, acrescentando que atendimentos de urgência serão realizados pontualmente no distrito sanitário indígena que fica fora do território. Já a Fundação Nacional do Índio não retornou os contatos da reportagem. “O clima é de medo. Muito medo. Agora só eles estão lá. Não tem PF, Exército nem Saúde. Estão sozinhos para defender a sua comunidade”, finaliza Júnior Yanomami.

*Inscreva-se [aqui](#) para receber a newsletter diária do EL PAÍS Brasil: reportagens, análises, entrevistas exclusivas e as principais informações do dia no seu e-mail, de segunda a sexta. [Inscreva-se](#) também para receber nossa newsletter semanal aos sábados, com os destaques da cobertura na semana.*

---

Adere a

[Mais informações >](#)



---

 **ARQUIVADO EM:**

Brasil América Latina Previdência Crise Alimentária Saúde Pandemia Malária Indígenas  
Amazônia Vacinas Fome Desmatamento Conflictos Agrarios Conflictos Armados

---

## MAIS INFORMAÇÕES

**PANDEMIA DE CORONAVÍRUSO** último ancião  
Juma morre de covid-19 e leva para o túmulo  
a memória de um povo aniquilado no Brasil

**AMAZÔNIA** Desmatamento na Amazônia no mês  
de abril é o maior em seis anos, aponta Inpe

CONTENIDO PATROCINADO

Truque pouco conhecido  
faz de qualquer homem  
em um leão na cama

DR. JULIO BENEVIDES -  
ESPECIALISTA EM SAÚDE  
MASCULINA

Se você tem fígado  
gorduroso, faça isto agora

DR. RAFAEL FREITAS - MÉDICO  
DA SAÚDE DO FÍGADO

"Tome cuidado com  
Losartana e diuréticos  
para Pressão, eles podem  
ser perigosos"

DOUTOR NATURE

Y ADEMÁS...

Truque pouco conhecido  
faz de qualquer homem  
em um leão na cama

DR. JULIO BENEVIDES -  
ESPECIALISTA EM SAÚDE  
MASCULINA

Faça isto todas as manhãs  
para evitar gordura no  
fígado

DR. RAFAEL FREITAS - MÉDICO  
DA SAÚDE DO FÍGADO

Recomendado por

|

**NEWSLETTERS**

Receba o boletim diário do EL PAÍS Brasil



---

**PODE TE INTERESSAR**

Neymar, a nove gols do recorde de Pelé, chora pelo Brasil



---

A teia bolsonarista nos porões da internet

---

O que Lula deu e Bolsonaro abocanhou

---

Reconhecimento facial chinês chega às portas da União Europeia

---

---

## O MAIS VISTO EM ...

Top 50

---

EL PAÍS

Brasil

---

Pela primeira vez, Justiça condena penalmente repressor da ditadura brasileira e abre precedente histórico

---

A teia bolsonarista nos porões da internet

---

Coronel da reserva insufla extremistas a defender Bolsonaro de golpe imaginário

---

São Paulo suspende vacinação contra a covid-19 na capital nesta terça. Veja o calendário no Estado

---

“Somos as pretas, os pretos, os índios e as índias que vamos derrubar o Governo Bolsonaro neste ano ou nas urnas”

---

Ruas se movem contra Bolsonaro com revolta reforçada por marca de meio milhão de mortos para a covid-19

---

▶ Notícias sobre a pandemia, ao vivo | CPI ouve Osmar Terra, apontado como ‘padrinho’ do gabinete paralelo

---

Bolsonaro tem alta na popularidade e só Lula o venceria no 2º turno em 2022, mostra pesquisa Atlas

---